

FRASEODIDÁTICA: COMO TRABALHAR O DISCURSO PARLAMENTAR EM SALA DE AULA

Vicente de Paula da Silva Martins (UFC/FUNCAP)

vicente.martins@uol.com.br

Introdução

O presente trabalho se propõe a aplicar alguns conceitos da Análise do Discurso, de orientação francesa, à Fraseodidática, campo novo no âmbito dos estudos em Fraseologia dedicado aos métodos de ensino de expressões idiomáticas.

Objetivamos, com este trabalho, mostrar o lugar da fraseologia e da cultura nos discursos políticos. À luz dos ensinamentos da Análise do Discurso, voltamos nossa atenção para a formação de leitor e de produtor de texto a partir do estudo dos discursos deputados federais. Em geral, os deputados recorrem com frequência ao discurso citado em seus pronunciamentos, em plenário, para tratar diversas questões de ordem econômica, social e política do país.

Expressões idiomáticas do tipo “comer o pão que o diabo amassou”; “meter o rabo entre as pernas”; “descobrir um santo para cobrir outro”; “meter o rabo entre as pernas” e “não ter nada com o peixe” são bastante comuns e recorrentes nos pronunciamentos dos parlamentares. Fundamentamos nossa pesquisa na noção de discurso citado em Bakhtin (2009, 2010) e Maingueneau (1996, 2008).

Em termos de passos metodológicos para o desenvolvimento da proposta de ensino e leitura e escrita, no ambiente escolar, inicialmente, levantamos quatro questões, de inspiração bakhtiniana: (1) Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? (2) Como o leitor/ouvinte experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? (3) Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência dos falantes? e (4) Qual a influência que o discurso citado tem sobre a orientação das palavras que o leitor/ouvinte pronunciará em seguida?

Em seguida, trabalhamos com as respostas dos alunos às perguntas formuladas por Bakhtin, inspirativas para um trabalho preparatório com os alunos na elaboração de textos de natureza argumentativa sobre os posicionamentos políticos dos parlamentares frente às questões nacionais.

A partir de campos semânticos, construímos um minicorpus de expressões idiomáticas, extraídas dos discursos dos deputados ora empregadas como recursos retóricos, ora como mecanismos textuais de coesão e coerência. Consideramos que noções de discurso citado, polifonia (em AD) e interdiscursividade se fazem necessários numa abordagem discursiva das unidades fraseológicas (provérbios e expressões idiomáticas, em especial) destinada à sala de aula.

O discurso citado, na prática escolar, tem a força de funcionar como uma textura das práticas sociais e discursivas, matéria prima para o ensino produtivo e reflexivo das línguas, sejam estrangeiras ou maternas.

1. Fraseologia e Análise do Discurso

O enfoque discursivo tem ocupado um espaço cada vez mais amplo no campo dos estudos da linguagem. Neste trabalho, analisamos o discurso citado nos pronunciamentos dos deputados federais a partir de uma perspectiva discursiva, dando ênfase aos pressupostos teóricos da chamada Análise do Discurso de linha francesa, representada, particularmente por Maingueneau (1996, 2008).

Por essa razão, apontaremos, nas expressões idiomáticas, objeto deste trabalho, presentes nos discursos dos deputados federais, alguns dos traços discursivos que definem esses pronunciamentos. Os discursos parlamentares são discursos prontos ou expeditos para o trabalho pedagógico com produção de leitura e escrita em sala de aula.

Noções como heterogeneidade enunciativa (alteridade declarativa), discurso citado, polifonia (em AD), interdiscursividade, intertextualidade, destacabilidade e hiperenunciador têm contribuído para iluminar as abordagens textuais. Com estas categorias discursivas, aplicadas à linguagem política, pretendemos apreender o mais global do fenômeno discursivo e, de outro, de seus possíveis aspectos articularizadores em língua portuguesa.

Inicialmente, por meio de um estudo de expressões idiomáticas do tipo “comer o pão que o diabo amassou”, “cada macaco no seu galho”, “estar com a faca e o queijo na mão”, “meter a viola no saco”, “virar o feitiço contra o feiticeiro”, “meter o rabo entre as pernas”, entre outras, que se configuram como particitações gráficas (terminologia maingueneuniana) mais empregadas nos discursos políticos, verificamos que a manifestação retórica da autoridade é um dos traços que o constituem.

Observamos, ainda, que em decorrência das modalidades alocutivas (terminologia charaudeauniana), explicitadas no modo de organização dos discursos citados dos parlamentares, é possível, no futuro, em um estudo mais aprofundado sobre esta matéria, que pretendemos levar a efeito, melhor configuraremos a formação do ethos discursivo nos pronunciamentos dos locutores (parlamentares), isto é, reconhecermos que, na abordagem discursiva, os discursos parlamentares se apresentam como um locus privilegiado, na estrutura de poder, de construção de um ethos do político seguro, autoconfiante, determinado e autocentrado, que está voltado para os seus objetivos e interesses políticos ou regionais e que age, em alguns casos, em busca de seus próprios benefícios políticos e regionais, seguindo, em geral, os interesses partidários. Não trataremos, aqui, como dissemos, da questão do ethos discursivo nos discursos parlamentares.

2. Fraseologia: a abordagem discursiva

As expressões idiomáticas podem se manifestar através da chamada heterogeneidade enunciativa (alteridade declarativa) manifestas em diversos estilos ou formas de discurso: direto, indireto e indireto livre.

O discurso direto é a primeira forma de discurso citado em que as expressões idiomáticas podem ser encontradas no discurso. No discurso direto, as expressões idiomáticas aparecem como citações do discurso locutor. Nesta situação, ao se inscrever o enunciado de um outro por ocasião da manifestação da fala, projeta o enunciado a uma nova situação de enunciação. Constitui, pois, um redobramento ou desdobramento de certa exposição, servindo de representação mais realista da palavra do outro.

O discurso indireto constitui uma reformulação semântica global dessas falas reportadas, operando diretamente sobre o sentido ou o conteúdo delas. O discurso indireto livre torna indiscerníveis as instâncias enunciativas (encaixamento das duas vozes) que põe em jogo, fortemente dependente do contexto. Esta perspectiva parece-nos ser sugerida nos trabalhos de Bakhtin (2009), Ducrot (1987), Authier-Revuz(1990), Maingueneau(1996), Costa (2001), Bakhtin (2010), Sarfati (2010) e Brandão (2004), quando se referem ao discurso citado, reportado ou de outrem.

Entendemos que as expressões idiomáticas são segmentos discursivos do discurso relatado. Neste caso, a expressão idiomática pode ser, facilmente, identificada como um dos diversos modos de representação, no discurso, de falas atribuídas a instâncias outras que não a do locutor (aquele que produz enunciado ou que produz um

ato de linguagem), de maneira unívoca ou não. (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU:2008, p.172).

A citação é expressão de intertextualidade. Por essa razão, o discurso citado é considerado por Costa (2001) como “a mais emblemática das relações intertextuais” uma vez que “se torna mais clara a inserção de um texto em outro” através de “Um sistema de sinais tipográficos (aspas, itálico etc.) materializa essa heterogeneidade”, podendo cumprir diversas funções como a autoridade, o ornamento etc.” (p.42). Bakhtin (2009, p.150) usa a expressão aspeada “discurso de outro” para se referir ao discurso citado.

A partir do estudo de Bakhtin, Costa diz que “o discurso citado é sempre discurso comentado e, conseqüentemente, a incorporação de um discurso alheio é sempre ativa, isto é, é sempre uma apreensão apreciativa desse discurso.” (2001, p. 366).

Creemos que há uma relação muito estreitas entre fraseologia e polifonia no âmbito da abordagem discursiva. A noção de polifonia, em AD, envolve a fraseologia como discurso citado. A partir dos trabalhos de Bakhtin (tratamento literário) e Ducrot (tratamento linguístico), esta categoria passou a ser uma ferramenta eficaz para as análises de discurso. Refere-se à qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro.

Os analistas do discurso recorrem à categoria polifonia para tratar das diversas formas do discurso reportado (ou representado). A descrição polifônica envolve outros aspectos da organização do discurso, ultrapassando o modelo de Ducrot, limitado à análise dos enunciados ou de breves segmentos isolados. A polifonia da AD é um fenômeno de fala (*parole*) e não de língua (*langue*), conforme podemos depreender dos trabalhos de Charaudeau e Maingueneau(2008, p.387-388), Ducrot(1987) e Brandão (2004, p. 109).

Entre as categorias de Análise do Discurso, a de interdiscursividade é central na abordagem discursiva da fraseologia. A interdiscursividade é a propriedade de todo discurso tem de estar em relação multiforme com outros discursos, seja por uma relação de aliança ou de polêmica, fato que caracteriza o primado do interdiscurso sobre o discurso. Remete à noção de interdiscurso, que consiste num conjunto de formações discursivas e determina o encadeamento e a articulação entre os discursos.

Para Costa (2001), interdiscursividade é definida como “a convocação de, ou o “dar a ouvir”, vozes exteriores ao fio discursivo (ou seja, ao que foi efetivamente dito),

que flutuam na esfera interdiscursiva, quer fazendo parte de sistemas languageiros correlacionados a práticas sociais (formações discursivas), quer como vozes ou enunciações encenadas, implícitas ou mascaradas. Costa (2001) situa a categoria interdiscurso no âmbito dos “sistemas discursivo anônimos (modos de dizer, gêneros, regras, fórmulas, formações discursivas etc.) que circulam na sociedade e compõem uma memória, assertiva que fazemos a partir dos trabalhos Charaudeau e Maingueneau (2008,p.286), Sarfati (2010, p.145) e Costa (2001, p.48).

Também encontramos uma aproximação da fraseologia à noção de intertextualidade à medida que esta pode ser definida como propriedade constitutiva de qualquer texto ou se refere ao conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos. É a intertextualidade que regula as relações que os textos procedentes de um discurso mantêm entre si ou com textos de outro tipo de discurso, conforme depreendemos em Charaudeau e Maingueneau(2008,p.298) e Sarfati (2010, p.145).

3. Fraseologia e a enunciação de outrem

Em seu *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2009), Mikhail Bakhtin levanta quatro questões que podem ser aplicadas à função do discurso citado, particularmente presentes em expressões idiomáticas, nos pronunciamentos dos parlamentares: (1) Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? (2) Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? (3) Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência? e (4) Qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida?

Poderemos, ao longo deste trabalho, buscar responder, pelo menos, uma das questões acima. Então, levando em conta a presença de unidades fraseológicas no discurso dos parlamentares, as perguntas formuladas por Bakhtin são bastante inspirativas para uma investigação linguística, psicolinguística e discursiva do discurso citado.

Entendemos de início que, no âmbito de nosso estudo, as expressões idiomáticas são, independentemente de sua extensão, expressões do discurso e, nessa condição, estão localizadas, do ponto de vista psicolinguístico, na memória dos falantes, ou,

dizendo de outra maneira, e nas palavras do próprio Bakhtin, os idiomatismos são manifestos nos “processos subjetivo-psicológicos passageiros e fortuitos que se passam na “alma” do receptor”. Cremos que devemos entender, nesse contexto, por alma, o que, neurolinguisticamente, conhecemos por memória.

Armazenadas em nossa memória de longo prazo, as expressões idiomáticas cumprem, no discurso político, a função de revelar as “as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua.” (BAKHTIN: 2009, p.152).

Segundo Bakhtin, o mecanismo desse processo não se situaria exclusivamente na memória, mas na sociedade, que escolhe e gramaticaliza, ou seja, associa o comportamento verbal dos locutores e interlocutores às estruturas gramaticais da língua, posto que “os elementos da apreensão ativa, apreciativa, da enunciação de outrem que são socialmente pertinentes e constantes e que, por consequência, têm seu fundamento na existência econômica de uma comunidade linguística dada.” (Idem)

A reação dos parlamentares ao discurso do então presidente Lula revela, tomando uma expressão de Bakhtin, uma “recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto” (BAKHTIN: 2009, p.152). Esta transmissão levaria em conta, segundo Bakhtin, uma terceira pessoa, ou seja, a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas; no caso do discurso de Lula, objeto de nossa discussão, os interlocutores são os prefeitos. Graças a essa orientação de um discurso, numa situação real de diálogo, dirigido a uma terceira pessoa, é que o locutor “reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso.” (Idem).

Não podemos deixar de mencionar que, na reação dos deputados federais ao pronunciamento do então presidente Lula, inclusive, ao reproduzirem, com poucas variações, a expressão idiomática, em seus discursos, mostra que, na condição de interlocutores de oposição político ao governo federal, compreenderam o significado da expressão idiomática "comer o pão que o diabo amassou", para, com isso, “apanhar o interlocutor com suas próprias palavras” (BAKHTIN: 2009, p.152 e 153), o que podemos observar nas rebatidas dos parlamentares

4. Fraseologia nos discursos parlamentares

No Dicionário de análise do discurso, Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau(2008) apresentam o conceito de estereótipo e clichê como dois fenômenos que “denunciam uma cristalização no nível do pensamento ou no da expressão” (p.213). No âmbito da análise do discurso, o clichê ou os estereótipos, a que chamamos, aqui, simplesmente de grupos fraseológicos, são noções evidenciadas na “representação coletiva cristalizada”, emergente, somente, quando o alocutário recupera, no discurso, elementos espalhados e frequentemente lacunares, para reconstruí-los em função de um modelo cultural preexistente” (p.215).

Entre os clichês (entendidos como recursos retóricos) ou expressões idiomáticas (entendidos com procedimentos lingüísticos) registrados no Plenário da Câmara dos Deputados, as expressões idiomáticas são as mais recorrentes nos pronunciamentos ou apartes (interrupção autorizada no discurso de outrem) dos parlamentares.

Entre as expressões idiomáticas, mais frequentemente, no microcorpus-piloto, ad hoc, encontramos as seguintes: “**comer o pão que o diabo amassou**” (passar grandes necessidades e privações); “**meter o rabo entre as pernas**” (ficar calado, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado); “**descobrir um santo para cobrir outro**”(favorecer alguém em detrimento de outrem ou de si próprio); “**estar com a faca e o queijo na mão**(dispor dos meios para impor uma vontade); **juntar(-se) a fome com a vontade de comer** (coincidir ou fazer coincidir o desejo ou o interesse de uma pessoa com o de outra); “**macaco velho não mete a mão em cumbuca**” (pessoa esperta e traquejada não cai em cilada, não se envolve em situações complicadas ou perigosas); “matar a cobra e mostrar o pau” (afirmar alguma coisa e prová-la); “**meter a viola no saco**” (ficar sem resposta ou sem ação, calar-se, embatucar); “**meter o rabo entre as pernas**” (ficar calado, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado); “**Não ter nada com o peixe**” (ser completamente alheio ao caso em debate, à disputa); “**santo de casa não faz milagres**” (a convivência leva a que se deixe de receber dos outros crédito por méritos reais); “**virar o feitiço contra o feiticeiro**” (recair o mal sobre quem o praticou) e “**viver como cão e gato**”(viver às turras, estar sempre brigando).

A presença de fraseologias do tipo “expressões idiomáticas”, no discurso dos parlamentares, revelam-nas como um recurso estilístico de grande produtividade discursiva. Ao certo, por seu caráter pregnante, aproxima o discurso parlamentar da fala mais espontânea ou popular, de maior transparência semântica ou ideológica,

configurando, assim, uma função pragmática e uma função discursivo-ideológica no jogo verbal.

Postulamos, como veremos nos excertos abaixo, extraídos dos discursos parlamentares, que as unidades fraseológicas, nomeadamente os idiomatismos, cumprem uma função enunciativa de organização do discurso ou, para tomarmos uma expressão de Patrick Charaudeau (2009), evidenciam um “modo de organização enunciativo”, em que o recurso linguístico do clichéismo (ou fraseologia) “aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação” (p.81), o que nos sugere que, nesse jogo verbal, o locutor (orador) estabelece uma relação de influência com o interlocutor (demais parlamentares, governos e eleitores), e, em alguns casos, estabelece uma relação de força com seu interlocutor, em geral o governo, através de uma modalidade de injunção. (CHARAUDEAU: 2009, p.82).

Da lista acima, dada a exiguidade de espaço, ilustraremos nosso trabalho apenas com a expressão idiomática “estar com a faca e o queijo na mão” (com o poder de fazer ou desfazer). Nos discursos parlamentares, há registro da variação fraseológica “ter a faca e o queijo na mão”, com o mesmo significado idiomático, segundo o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2009), doravante, apenas DHLP.

(1) O deputado Iran Barbosa (PT-SE), em pronunciamento no dia 07/04/2010, ao se reportar sobre a proposta de desregulamentação da profissão do jornalista, diz: “[...] Certamente, essa decisão levará a uma precarização ainda maior das relações de trabalho nas redações e a um arrocho ainda maior dos salários, porque o exército de reserva, para usar uma expressão do marxismo, para essa categoria agora é imenso, e o empregador **terá a faca e o queijo na mão** para impor as suas condições salariais e de trabalho, sob pena da substituição pura e simples dos bons profissionais, que, obviamente, exigirão remuneração e condições de trabalho bem melhores.”

(2) O deputado Sandro Mabel (PR-GO), em pronunciamento, no dia 13/10/2009, ao defender a necessidade de aprovação do projeto de reforma tributária, afirma: “Nós **estamos com a faca e o queijo na mão**. Basta apenas um gesto de boa vontade para cortarmos a deliciosa iguaria que, servida em porções generosas, possibilitará não apenas novos patamares de crescimento para o País, mas também uma efetiva implementação, tantas décadas postergada, de poderoso mecanismo de justiça social e distribuição de renda que privilegie todas as Unidades da Federação e, portanto, todos os brasileiros.”

(3) O deputado Paes de Lira (PTC-SP), em pronunciamento, no 04/11/2009, sobre a Proposta Emenda Constitucional(PEC nº 351), que fere, segundo ele, os interesses dos pequenos e médios credores, servidores públicos e militares e aposentados, assevera: “ Então, é preciso neste momento, meus caros pares, Sr. Presidente, ilustres telespectadores da *TV Câmara*, que os representantes do povo, os Deputados, reflitam muito bem - reflitam muito bem - sobre a mensagem que vão passar para o futuro. Se aprovarmos nesta Casa de leis uma mensagem de que quem tem o poder **tem a faca e o queijo na mão** e pode fazer tudo o que quiser, se necessário efetuando uma alteração indevida e imprópria no próprio corpo da Constituição da República, estaremos sinalizando às gerações futuras que com esperteza ou com força tudo se pode fazer; com esperteza ou com força nenhum acordo precisa ser cumprido; com esperteza ou com força não há por que honrar compromissos.”

(4) O deputado Mauro Benevides (PMDB-CE), em pronunciamento no dia 27/03/2008, ao tratar de questões relacionadas à proposta orçamentária, particularmente por meio da CPMF, recorre à expressão idiomática como discurso citado: “Já para um professor de finanças do IBMEC-RJ não está prevista piora da arrecadação nos próximos meses, mesmo com a crise financeira mundial, a começar pelos Estados Unidos. Afirmou o mestre fluminense: "O **governo tem a faca e o queijo na mão** para repensar a carga tributária. É um momento histórico essa arrecadação tão elevada. E eu não acredito que a economia real sofra com a crise internacional".

(5) O deputado Gonzaga Patriota (PSB-PE), em pronunciamento, no dia 08/11/2007, ao discutir sobre a proposta da reforma no sistema previdenciário, diz: “ Quando **estávamos com a faca e o queijo na mão** para implantar uma verdadeira e consistente reforma da Previdência, não a fizemos. Não lutamos para dar transparências às chamadas "renúncias previdenciárias", subsídios concedidos a alguns setores que não contribuem pela regra geral.”

A presença de expressões idiomáticas no discurso dos parlamentares, particularmente as expressões idiomáticas, de cunho popular, são, com base em Patrick Charaudeau(2009), procedimentos lingüísticos utilizados pelos deputados, com a finalidade de modalizar seus discursos com aspectos axiológicos de interpelação, injunção, autorização, aviso, julgamento, sugestão, proposta, interrogação e petição.

(In) conclusões

Ao longo deste artigo, procuramos mostrar que o discurso citado, no âmbito dos pronunciamentos políticos, funciona como uma textura das práticas discursivas. Por essa razão, consideramos que heterogeneidade enunciativa (alteridade declarativa), discurso citado, polifonia (em AD), interdiscursividade e intertextualidade se fazem necessárias numa abordagem discursiva das unidades fraseológicas (provérbios e expressões idiomáticas, em especial). O discurso citado é situado no âmbito das relações interdiscursivas e intertextuais.

No segundo momento de nosso estudo, mostramos que nas relações interdiscursivas estão presentes, de forma pregnante, o discurso citado, a destacabilidade, o hiperenunciador, o que comprovamos com um exemplarário de excertos de discursos de deputados no Plenário da Câmara Federal.

Os discursos analisados indicam a presença do interdiscurso, através do discurso citado, nos pronunciamentos dos deputados federais. As expressões idiomáticas são as participações gráficas mais destacadas nos discursos dos parlamentares, sendo, ainda, asseguradas, explicitamente, pelo hiperenunciador “sabedoria popular”.

O estudo das expressões idiomáticas no âmbito dos discursos parlamentares permitiu postularmos que as unidades fraseológicas, cumprem uma função enunciativa de organização do discurso, em que o deputado federal, em Plenário da Câmara, age na encenação do ato de comunicação” de modo a estabelecer uma relação de influência e uma relação de força com seu interlocutor, em geral o governo, através de uma modalidade de injunção.

Referências

ADAM, Jean-Michel. *A lingüística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortex, 2008.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). In: GERALDI, João Wanderley. ILARI, Rodolfo e LEMOS, Cláudia T. G. de. (Orgs.). *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v.19, p. 25-42, jul./dez. 1990 (Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi).

BAKHITIN, Mikhail. O “Discurso de outrem”. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2009. cap. 9, p.150-160.

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BLASCO MATEO, Esther. Similitudes entre perífrasis verbales de infinitivo con enlace y locuciones verbales de infinitivo. In ALMELA, R.; RAMÓN TRIVES, E. e WOT-JAK, G. *Fraseología contrastiva: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano*. Murcia: Universidade de Murcia, 2005. p. 197-210.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2204.
- CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- COSTA, Nelson Barros da. A produção do discurso literomusical brasileiro. 2001. 486 f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- DÉCIMO, Tiago. (Agencia Estado). *Lula: prefeitos 'estão comendo pão que o diabo amassou'*. Estado de São Paulo. Política, São Paulo, 24 mar., 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,lula-prefeitos-estao-comendo-pao-que-o-diabo-amassou,344037,0.htm>. Acesso em 15/05/2011.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987
- KRIEG-PLANQUE, Alice. *A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo: Parábola, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. “A aforização proverbial e o feminino”. In MOTTA, Raquel e SALGADO, Luciana. *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. A noção de hiperenunciador. In: _____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008. Parte II: Conceitos de análise do discurso, cap 5, p.93-111.
- MAINGUENEAU, Dominique. Citação e destacabilidade. In: _____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008. Parte II: Conceitos de análise do discurso, cap 5, p.75-92.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2009.
- RAMOS, Cleonice Men da Silva. *Argumentação em textos: revistas impressas do universo corporativo*. In *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 39 (3): p. 75-86-, mai.-ago. 2010.
- SARFATI, Georges-Élia. *Princípios da análise do discurso*. São Paulo: Ática, 2010.